

Cáceres: princesa do alto Paraguai e a lenda do lago Dilolo

Jonas de Souza

Natalino Ferreira Mendes e Vicente Manuel Netto são dois escritores que se assemelham pelo forte telurismo presente em seus trabalhos. O primeiro, um poeta prosador, cujos versos se delineiam pelo estilo narrativo de fazer poesia. Já o segundo, um prosador poeta, que narra as lendas de Angola em função do elemento água no seu livro *A água e a lenda*. Ambos se caracterizam pelos traços marcantes das “hidroletras”, neologismo de Carlos Alberto R. Maldonado ao prefaciar *Anhuma do Pantanal*. Embora Mendes e Netto tenham produzido seus livros em contextos diferentes, vamos encontrar no poema *Cáceres: princesa do alto Paraguai* e também na narrativa *A lenda do lago Dilolo* um estilo “aquático” de se falar da terra amada. No entanto, há uma diferença significativa na maneira como os dois escritores apresentam suas lendas: Mendes mostra a cidade de Cáceres surgindo das águas do rio Paraguai, num barco ornado de vitórias-régias, enquanto Vicente Netto narra o desaparecimento de uma senzala para dar lugar a um majestoso lago.

A iniciativa de falar sobre o telurismo de Natalino Ferreira Mendes e de Vicente Manuel Netto resultou da constatação de que os dois escritores trabalham com o elemento água em suas obras.

Ferreira Mendes, poeta brasileiro, explora em *Anhuma do Pantanal* as riquezas naturais de Cáceres, cidade mato-grossense, colocando o rio Paraguai em primeiro plano na sua temática poética, de maneira que Carlos Alberto R. Maldonado ao prefaciar o livro disse: “Vejam nas hidroletras (com o perdão da licenciosidade) de poemas aquáticos pelo inteiro Pantanal, e até sul-atlântico, remando versos livres como estes dedicados ao rio Paraguai:

Vem da região do ouro Diamantino
Deixa a metálica riqueza
Pra a grande marcha fecundante
Através das terras cacerenses
Até o Prata
No seio do pujante Paraná
Vem do antigo reino Parecis
No planalto divisor das águas
Amazônica e platina [...]”. (*Anhuma do Pantanal*, p. 9-10).

Também encontramos no angolano Vicente Netto a água como matéria-prima das suas narrativas, pois é ela que dá vida às histórias com *A lenda do lago Dilolo*. Na página 9 do livro *A água e a lenda*, ele exalta este importante elemento da natureza:

[...] rios e riachos que têm as suas histórias; rios e riachos que em muitos casos foram testemunhas de uma cultura popular que se processou ao longo dos tempos, mesmo sob opressão colonial; rios, enfim, como por exemplo o Zaire, o Cuanza e o Cunene, que estão intimamente ligados à história do nosso País, às suas tradições e às suas lendas.

Sem dúvida, quem lê *Anhuma do Pantanal* e *A água e a lenda* facilmente percebe que as “hidroletras” de que falou Maldonado caracterizam o estilo de Mendes e Netto, devendo o leitor atentar para o amor à terra natal que ambos apresentam nos seus textos.

Vale ressaltar, ainda, que as obras aqui comentadas têm uma temática desenvolvida a partir do contexto cultural no qual os escritores produziram seus trabalhos. Por esta razão, Ostrower afirma que:

Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e variações culturais se moldam os próprios valores da vida. No indivíduo encontram-se, por assim dizer, dois polos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura (grifo nosso)¹.

Vê-se, portanto, que o processo criativo de Mendes e Netto está determinado pela forte influência da cultura local. Ambos se valem da lenda para mostrar ao leitor o valor da terra em que vivem e, como sempre, adotam as “hidroletras” como forma de escrever. Em “Cáceres, princesa do Alto Paraguai” temos um dos mais lindos poemas que constituem a coletânea telúrica de *Anhuma do Pantanal*:

Descia o rio dos Paiaguás
princesa linda das terras diamantinas
do alto Paraguai.
Vinha de longe, muito longe,
num airoso barco ornado
de Vitória-Régias...
- Seu nome ninguém sabe.

¹ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 5.

Encantada com a visão
das terras que se espraíam
desde o rio
até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul [...]

Em êxtase ficou
voltada para o poente...
Alguns nativos acorreram
e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres,
a princesa do alto Paraguai.

Até hoje, pelas cercanias
da cidade, na estação
chuvosa,
as Vitória-Régias
das enseadas e baías
cobrem-se de flores,
relembrando a viagem da princesa peregrina
do alto Paraguai.

(Anhuma do Pantanal, p. 16).

Vemos as águas fluidas vindas do alto Paraguai como símbolo de vida. Chevalier e Gherbrant² afirmam que “água é fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência”. Este último predicativo permeia a lenda da princesa do alto Paraguai, pois ela é símbolo de juventude e beleza. Surge sobre as águas e, nas margens do rio, é recebida e entronizada com o nome de Cáceres, caracterizando assim a história de um povo.

Vicente Manuel Netto, por sua vez, apresenta uma narrativa cuja presença de água não nos leva ao surgimento de um povo, mas à história de um lago:

Era uma vez uma sanzala apareceu uma velha mal vestida, esfarrapada e a cheirar mal, que pediu e mendigou água para matar a sede. Foi afastada de cubata em cubata; percorreu toda a sanzala e lá partiu, vergada ao peso dos anos, levando consigo a sede que não saciara. Embrenhou-se na mata, sem destino, até que encontrou o chefe da sanzala, um soba velho que andava à caça de coelhos e perdizes. Esse soba tinha um feitio diferente de todos os homens da sua sanzala. Era acolhedor, atencioso, prestável, benfeitor e simpático. Por isso, não

² CHEVALIER, Jean e GHERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*, 17ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

hesitou em satisfazer o desejo da velha; deu-lhe água e ouviu atentamente da boca descarnada da mesma velha a sentença de morte para toda a sanzala. Eis o que disse:

- Eu te saúdo; passei esta manhã pelo teu quimbo e ninguém quis mitigar a minha sede. Homens, mulheres, velhos e crianças, todos se recusaram de me dar água. Mas, à noite, antes de o galo cantar a última vez, não de lá ter tanta água que todos se fartarão dela. Lançando as suas violentas palavras, a velha partiu para nunca mais ser vista [...]. [...] a grande e rica sanzala com seus campos verdejantes, o seu gado e sua criação havia desaparecido por completo. Em seu lugar surgia um extenso lago, cuja margem oposta dificilmente se divisava. Apenas a água se agitava [...]. E assim surgiu o lago Dilolo” [...].

Portanto, o ponto comum entre o escritor brasileiro e o angolano é, sem dúvida alguma, a presença do elemento água em suas obras telúricas. Para Natalino Ferreira Mendes esta substância flui para a vida no poema “Cáceres, princesa do alto Paraguai”, enquanto Vicente Manuel Netto, em “A lenda do lago Dilolo” trabalha com a concepção de água como forma de sepultamento das almas egoístas. Neste sentido, Chevalier e Gherbrant entendem que “o curso das águas é a corrente da vida e da morte”, o que comparativamente confirma nas lendas da origem de Cáceres e do lago Dilolo.

(In: Jornal “A folha”, Cáceres, 13 a 20 de março de 2004, p. 4).